

CIBERTEXTUALIDADES

Publicação da Universidade Fernando Pessoa



TEMA DE CIBERTEXTUALIDADES 07

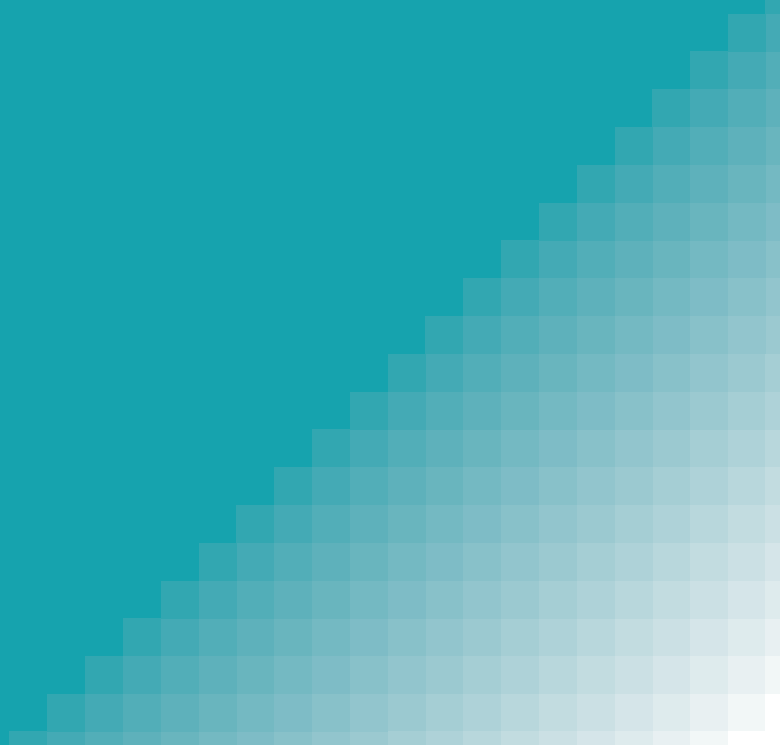
ESTUDOS SOBRE **ANTÓNIO ARAGÃO**

Organização de **Rui Torres**



BREVE DEPOIMENTO SOBRE ANTÔNIO ARAGÃO

ANTÔNIO NELOS



Conheci António Aragão nos anos sessenta, por alturas da *II Exposição de Artes Plásticas* da Fundação Gulbenkian, realizada no Funchal, num edifício da rua Fernão de Ornelas.

Foi através de um tio meu, o padre Alfredo Vieira de Freitas, que mo apresentou. O António Aragão tinha algumas pinturas gestuais nessa exposição, que eu muito apreciei. O meu tio sabia que eu fazia uns desenhos e pinturas e deve ter achado por bem que o sobrinho, então estudante do liceu, poderia receber bons conselhos e ensinamentos do pintor António Aragão.

De facto encontrei da parte do António Aragão a maior receptividade e simpatia em relação aos trabalhos que depois acabei por lhe mostrar.

Foi o início de uma longa amizade que perdura para além da sua morte.

Uma característica da sua multifacetada personalidade era a sua facilidade de relacionamento com os mais jovens, para além da sintonia com o espírito de rebeldia e contestação, aliada à sua necessidade permanente de experimentação.

Decorrido pouco tempo, o António Aragão apresentou-me e ao pintor Umberto Spínola, hoje a viver em Paris, ao grupo do *Comércio do Funchal*, jornal que na época se começava a revelar como voz de oposição ao regime.¹

Lembro-me do António Aragão promover encontros em sua casa, uma espécie de tertúlias animadas, na rua do Pico, no Funchal, com toda a “malta” do *Comércio* e outros artistas e poetas, que se prolongavam pela noite dentro.

Conhecer o António Aragão e esse grupo de pessoas, geralmente mais velhas do que eu, foi para mim uma porta que se abriu ou um abrir de olhos para uma outra realidade que ainda não conhecia. Foi também o despertar de uma cons-

ciência política no meio fechado que era a ilha nesse tempo.

A partir daqui, fui acompanhando, com maior ou menor proximidade, o percurso artístico, literário e experimental do amigo Aragão, só interrompido pelo meu exílio em Bruxelas entre 1971 e 1976. Em Bruxelas, tive a alegria da sua visita, julgo que em 1972, de passagem para o México, de que tanto gostava e onde tinha amigos. Aqui me ofereceu o seu livro *Um buraco na boca* publicado em 71. Em Bruxelas recebi os seus deslumbrados postais com a revolução de Abril, alguns com intervenções gráficas a propósito. Não resisto a transcrever um frase que escreveu no postal que me enviou no dia 30 de Abril, dia do seu regresso à Madeira, após os festejos dos dias anteriores: “As minhas mãos ainda ardem duma vontade inesquecível”.

Quando estava na Madeira, foram muitas as vezes que fui ao Arquivo Distrital do Funchal, onde pude testemunhar o seu trabalho de investigador e historiador e onde era um gosto ouvir as suas sempre interessantes conversas ou dissertações sobre um assunto. O António Aragão era um conversador e um contador de histórias nato.

Recordo ainda as muitas conversas e análises dos filmes que víamos nos cinemas do Funchal e se prolongavam nos cafés e os animados almoços em casa do músico amigo Artur Andrade, com quem pesquisou, nos anos setenta, os cantares e tradições musicais da Madeira.

Serão sempre poucas as palavras para falar da riqueza da sua personalidade multidisciplinar de artista plástico, poeta, escritor, historiador, experimentador e contador de histórias e estórias.

Tive o privilégio de partilhar com o António Aragão alguns momentos de uma cumplicidade produtiva em áreas distintas. Em 1979 colaborei com ele na planificação e organização da exposição fotográfica e documental sobre a cidade do Funchal – sua origem e crescimento, intitulada *Funchal – ontem e hoje* realizada no Museu de

¹ Mais tarde conhecido como “jornal cor de rosa”, devido à cor do papel.

Arte Sacra do Funchal. Tivemos a excelente colaboração do Jorge Guerra, funcionário do Arquivo nessa altura e de Jorge Bettencourt Gomes da Silva, último fotógrafo da Fotografia Vicentes.

Foi um trabalho colaborativo de cerca de um ano em que também colaborei com o Aragão como designer gráfico do seu livro *Para a história do Funchal – pequenos passos da sua memória*, editado pela DRAC.

Outra cumplicidade produtiva foi no campo da electrografia, aqui também com a participação entusiasmada do António Dantas. Em 1981 tem início *Filigrana*, uma edição fotocopiada, com trabalhos do António Aragão, do António Dantas, do Eduardo Freitas e meus e que acabou por entrar na rede da Mail Art. De certo modo ajudou a romper com o isolamento insular e veio permitir a participação noutros projectos artísticos. Nesse ano, António Aragão publica no Funchal *Metanemas*, uma das obras exemplares da poesia visual do poeta, onde explora as possibilidades da imagem fotocopiada e a sua articulação com o texto.

Mas o meu contacto com o experimentalismo do António Aragão deu-se por volta de 1966/67 através dos “Folhemas” (1 e 2) e *Mais Exactly P(ro)blemas* de 1968. Inesquecível foi um evento de poesia visual e experimental realizado no “Pátio das Artes” e que teve como principal animador António Aragão. Descobri há pouco tempo uma fotografia dessa acção, onde se podem ver outros poetas e artistas como Silvestre Pestana, António Vieira de Freitas, Luís Manuel Angélica e outros.



Figura 1.

Durante os anos oitenta tive a oportunidade de participar em algumas exposições de poesia visual e experimental com o António Aragão. Uma delas, *Outras escritas – Novos suportes*, foi organizada por mim e pelo Fernando Aguiar em 1988 no Museu de Setúbal. A outra, foi organizada por mim e pelo César Figueiredo em 1991, na Casa de Bocage, em Setúbal, e teve por título *Electrografias*.

Nos anos noventa António Aragão veio para Lisboa, e “numa casa que adquiriu na rua do Meio à Lapa, construiu instalações e galeria para funcionar um projecto artístico contemporâneo, baseado em novas tecnologias e que se constituiu como associação de educação popular”, denominada “Ara – Vala Comum”. Penso que inicialmente era para se chamar apenas “Ara”, mas aconteceu haver já uma galeria com esse nome e o Aragão, agastado com a situação,

num gesto de humor irreverente, acrescentou-lhe a “Vala Comum”.

Fui testemunha do entusiasmo com que ele se lançou neste projecto, e acompanhei o empenho e os esforços que desenvolveu na abertura do espaço, onde teve a colaboração dos amigos pintores Rigo23 e Luís Amin, e a preparação da primeira exposição, para a qual fui convidado a participar juntamente com o António Dantas, o César Figueiredo, o professor Jorge Marques da Silva e o pintor Luís Amin. A exposição abriu em 1994 e teve por título *Electroarte*. Foi editado um pequeno e sóbrio catálogo, com um texto do António Aragão.

Não posso deixar de fazer uma referência à exposição *Linguagens Apocalípticas* que foi realizada em 1996 na “Ara – Vala Comum”, com trabalhos do Almeida e Sousa e do Manuel Portela e performances de Fernando Aguiar, Manuel Portela e José Oliveira, com a sua ovelha enfeitada de coloridos laçarotes. Já com a galeria sob orientação de seu filho, Marcos Aragão Correia.

Entretanto, começaram a surgir os graves problemas de saúde que o obrigaram a regressar de vez à Madeira. Mesmo doente era de uma lucidez espantosa e continuava o bom conversador que sempre fora, mesmo com as suas capacidades físicas bastante diminuídas. A sua morte significou para mim não só a perda de um grande artista e de um grande nome da cultura portuguesa mas sobretudo a perda de um grande amigo e companheiro, apesar da grande diferença de idade entre nós.

Parafraseando alguém, diria que o acervo que legou a Portugal e em particular à Madeira, é muito mais rico, em quantidade e qualidade, do que o reconhecimento e merecimento que devia ter recebido da região e do país.

Uma coisa que sempre me surpreendeu no António Aragão foi a sua versatilidade e competência em quase todas as áreas, aliadas à sua vasta cultura e habitual ironia e irreverência. Nesse aspecto assemelhava-se a um humanista do

Renascimento. Mas é um facto que a sua faceta plástica me fascinou bastante e se sobrepôs às outras.

É curioso que os seus últimos trabalhos de pintura, os denominados “Monstros”, nada devam às novas tecnologias, e se inscrevam antes numa corrente pictórica mais tradicional, tirando partido da expressividade dos materiais e dos elementos gráficos e cromáticos.

Resta-me esperar que o legado que o António Aragão deixou, seja preservado mas também estudado e divulgado, tornando-o acessível ao maior número de pessoas.

Essa será a melhor homenagem!

ISSN 1646-4435

